O MUTIRÃO

PERIÓDICO ANARQUISTA MAIO/JUNHO 91 Nº 2

RESISTÊNCIA E AÇÃO DIRETA PELA POSSE DA TERRA

Mais uma vez nos deparamos com um revoltante espetáculo: a violência e a covardia de oficiais de justiça e ordens judiciais, avançando contra os posseiros, com a desumanidade costumeira e com resultados que seriam de se esperar se não fosse um fator novo, mas de modo algum inédito: a RESISTÊNCIA, a recusa ativa dos trabalhadores posseiros de desistir dócilmente e sem reagir, da luta pelos seus direitos, da luta pela posse de terra.

E não apenas a RESISTÊNCIA, mas também a AÇÃO DIRETA, a INICIATIVA, são fatores sem dúvida alguma inesperados para o governo e para os grandes proprietários. A violência chega sempre acompanhanda a repressão policial, e os trabalhadores resistem na medida de suas possibilidades e de suas forças, muitas vezes com a coragem do desespero. Porém, a RESISTÊNCIA é tão antiga quanto a LUTA pela posse da terra. O que se torna inesperada (para a repressão burguêsa) é que essa RESISTÊNCIA mais ativa, mais consciente, amadurece juntamente com a INICIATIVA dos trabalhadores, **no decorrer dessas lutas** e sem dever favores às influências externas ao movimento Sem-Terra, e até mesmo apesar delas.

A violência governamental não respeita o direito básico à moradia

A questão da posse da terra é muito mais profunda e grave do que tem sido divulgado pela "grande imprensa" a serviço do governo. Não é apenas mais um aspecto da milenar luta entre explorados e exploradores, escravos e tiranos: muitas vezes é a real direrença entre a vida e a morte.

Diante disso tudo, nós, anarquistas queremos levantar a discussão profunda deste problema e começamos questionando diretamente a sua causa principal: a propriedade privada, não só da terra, mas também dos meios de produção e, consequentemente da riqueza que é produzida pelo trabalho, **pelos trabalhadores**, e só por eles.

Primeiramente, vamos fazer uma distinção entre a **posse**, que é um direito natural, e a propriedade privada, que é a supressão desse direito coletivo, por meio do crime e do roubo puro e simples, praticados por uma minoria parasita devidamente respaldada e protegida por leis, constituições e forças armadas. OU SEJA: a EXPLORAÇÃO econômica e capitalista da classe trabalhadora é garantida pelo organismo legislador, policialesco, mantenedor, executor, militarista, artificial, criminoso e parasita chamado Estado, que é a base organizativa de todo e qualquer governo. não importa que nome use para mascarar suas intenções.

A propriedade privada (e também a estatal) é, e será sempre, inconciliável com o direito coletivo e natural de posse, não apenas da terra mas também dos meios e instrumentos de produção. E além disso inviabiliza qualquer projeto de Reforma Agrária, reforma que deve ser antes de tudo REVOLUCIONÁRIA, pois precisa romper este círculo vicioso de violência, exploração e miséria a que estão submetidos os trabalhadores, seja no campo ou nas cidades.

A conquista da posse da terra deve ser um ato de EXPROPRIAÇÃO do trabalho, dos bens e da riqueza. Devemos erguer um mundo novo sobre os escombros deste mundo velho, construindo uma sociedade Igualitária, Socialista e Libertária. E será assim que nós iremos realizar a ANARQUIA!

PRESOS POLÍTICOS

Estão presos em Porto Alegre (RS), os trabalhadores rurais Otávio Amaral, de 27 anos, uma filha; Carlos Gowaski, de 23 anos; Idone Bento, de 45 anos, dois filhos; e Augusto Moreira, de 35 anos, seis filhos. Foram acusados da morte de um soldado nas manifestações de agosto de 90, na capital gaúcha.

O juiz alega que eles pertencem ao Movimento Sem Terra e que se forem liberados voltarão a participar de manifestações e ocupações. Não resta dúvida de que a manutenção dessas prisões é uma tentativa de intimidar todos os que lutam pela Reforma Agrária.

ABAIXO-ASSINADO

Os anarquistas do Rio de Janeiro, lançaram um abaixo-assinado exigindo a liberdade destes camponeses que apenas resistiram dignamente contra uma agressão estúpida da força policial. Exemplares do abaixo-assinado podem ser adquiridos atravéz de pedidos a este jornal. As assinaturas de solidariedade devem ser remetidas a/c do Jornal Sem Terra/RS, Rua São Luiz, 640, Bairro Santana, CEP 90620, Porto Alegre, RS.

O apoio mútuo dos trabalhadores determinará o túmulo do Estado.

ENCONTRO DE ASSENTADOS

Os trabalhadores rurais do Rio de Janeiro, conquistaram um importante avanço na organização da luta pela Reforma Agrária com a realização do 4º Encontro Estadual de Assentados, ocorrido nos dias 19, 20 e 21 de Abril, no Mutirão Sol da Manhã, município de Itaguaí, assentamento que vem colaborando bastante com o movimento dos trabalhadores nesta região.

Durante os três dias do encontro, que contou com camponeses representantes de 17 assentamentos rurais, além da presença de 10 entidades civis, foi debatido a difícil luta dos trabalhadores pela posse da terra. Os participantes descutiam a situação de cada assentamento presente, alguns assuntos internos como o financiamento e crédito agrícola, questões externas e problemas governamentais relacionados aos assentados. No último dia foi redefinida a Comissão Estadual de Assentados, após discussão sobre seu significado, com sede no pavilhão 30 do CEASA de Irajá.

A discussão coletiva sobre o estatuto da comissão foi prejudicada - segundo os camponeses - pela atuação do representante da CUT-Rural que chegou no 2º dia do encontro com um volumoso "projeto de estatuto" debaixo do braço, fazendo questão de prolongar o tempo, passando por cima da programação organizada pelos trabalhadores, para explicar a todos o seu estatuto.

Segundo a avaliação do Encontro feita pelos organizadores e pela comunidade, o evento superou as espectativas em quantidade de pessoas participantes. O processo de organização do evento realizado pela comunidade foi ótimo, o movimento dos em terra, que estava estagnado no Rio de Janeiro, foi recolocado de pé, a não ocorrência de problemas relacionados à segurança foi outro ponto positivo e a importância da continuidade destes encontros de trabalhadores rurais na região foi lembrada, a fim de se dar prosseguimento a esta mobilização.

Acima das resoluções práticas e encaminhamentos tirados, o que mais ficou marcado ao final do Encontro foi o espírito de união e solidariedade entre todos os camponeses. O compromisso de se continuar lutando pela posse da terra ao lado dos trabalhadores que ainda não à conquistaram foi afirmado por diversas vezes pelos camponeses. O desejo de se construir um movimento forte e autônomo ficou claro entre todos. Agora os principais passos a serem dados rumo a uma transformação social no campo é o fortalecimento da solidariedade entre todos os assentamentos e ocupações recentes de terras, e a ampliação do movimento atravéz da adesão cada vez maior de novos trabalhadores sem terra. Aqueles que desejarem se organizar para conquistar a posse de sua terra não deve ficar em casa esperando pelas promessas eleitorais dos políticos: participe, organize-se com outros trabalhadores, escreva-nos e se informe, atue diretamente pela defesa dos seus próprios interesses. A Reforma Agrária se faz pela determinação popular.

VIDA LONGA À IMPRENSA LIBERTÁRIA

Aqui estamos! Dificuldades e tropeços a parte, conseguimos colocar em circulação o 2º número do MUTIRÃO, garantindo a presença deste espaço de discussão libertária no conflituoso dia a dia vivido pela população.

Estes dois primeiros meses nos mostraram a grande distância entre um planejamento cuidadoso no papel e a realização concreta dos nossos objetivos. Matérias que não conseguimos publicar, dificuldades na distribuição dos exemplares, a complicada situação financeira, o pouco contato com os demais ativistas no país, a impossibilidade até de nos reunirmos com frequência, tudo concorreu para interromper o andamento do jornal, mas como não pretendemos ficar "vendo no que vai dar", estamos propondo publicamente o que já tentamos fazer por correspondência, a fim de tentarmos superar as barreiras para os próximos números. Precisamos criar no movimento anarquista, a princípio a nível nacional, uma rede dinâmica de informações, que viabilize uma prática mais integrada às organizações libertárias. O simples espontaneismo de correspondência entre ativistas é importante, mas já não sustenta as necessidades de um movimento que se amplia e se populariza em todo o país. É preciso definir um fluxo estável de comunicações entre ativistas das várias regiões do país responsabilizados pela coletivização destas informações. Sabemos das dificuldades estruturais dos grupos, e reconhecemos que nós mesmos ainda não dispensamos a devida atenção à comunicação com o movimento, mas fazendo uma proposta de maior agilidade neste sentido.

Outro ponto fundamental a se resolver é quanto à circulação da imprensa libertária. É importante que os exemplares de cada jornal, zine ou revista cheguem logo nos diversos estados do país, e que se desenvolva o quanto antes pontos de venda fixos, que funcionem como referencial de contato para a população.

Sobre estas questões, inclusive, lançamos no ar uma sugestão de algum encontro sobre imprensa libertária, para amarrarmos melhor esta discussão.

Porém se existem problemas - inevitáveis para um movimento social em reconstrução - também temos avanços significativos a contabilizar. De início, conseguimos publicar este número, motivados pela boa receptividade do 1º número, em todos os meios em que circulou. Outro ponto importante foi o apoio recebido da comunidade do assentamento rural Sol da Manhã. A matéria sobre o Encontro Estadual de Assentados foi feita com participação voluntária e direta de vários membros da comunidade. Mais um avanço significativo de qualidade: se o primeiro número foi feito quase sem a participação dos grupos organizados do Rio de Janeiro, este já conta com a colaboração de vários companheiros, fazendo deste periódico um espaço de livre comunicação entre os ativistas.

O nosso maior desafio agora é construirmos uma rede de distribuição da imprensa libertária na capital e no interior do Rio de Janeiro, com uma particular atenção na Baixada Fluminense, para chegarmos no disperso conjunto de assentamentos rurais, nos locais de ocupação recente, nos meios estudantis, sindicais, emfim, na população explorada.

Com energias renovadas, saímos novamente em campo. Se hoje os partidos de esquerda rediscutem suas longas teorias dialéticas para compreender o que aconteceu com seus antigos paraísos comunistas, e acabam desconfiando que esqueceram "só um detalhe", o povo, na construção da sociedade socialista, estão de parabéns, descobriram a pólvora. Nós anarquistas voltamos a afirmar: o socialismo se constrói pela ação popular direta, pela livre organização comunitária que prepara e educa a população a se tornar capaz de cuidar de si livremente, sem hierarquias nem centralização de poder em nenhuma capital, mas em comunidades livres e federadas. Não há em que participarmos nestes projetos políticos burocráticos dos partidos, nesta verdadeira briga de foice no escuro pelo poder estatal. Nossa briga é pela tomada das terras, máquinas e serviços para as mãos do povo. A partir daí, os trabalhadores que construam o socialismo segundo a mais simples das teorias: a solidariedade.

QUEM SABE MAIS, LUTA MELHOR

Sob este tema foi inaugurada no Centro de Formação (Rua Aimorés, 8, Moquetá, Nova Iguaçu), a UNIVERSIDADE POPULAR DA BAIXADA, num convênio entre a Diocese de Nova Iguaçú e a Univerta, começando com o curso básico: Uma História Geral do Brasil - Do descobrimento aos nossos dias, com 43 aulas e 17 professores.

Esta iniciativa cria uma nova alternativa de acesso à cultura e ao conhecimento para a população da Baixada Fluminense. Neste momento em que as universidades estatais passam por um período de aberta ostilidade do Governo Federal, que já não disfarça seus objetivos de fechar ou privatizar instituições de ensino superior, torna-se valiosa esta experiência de nítida resistência popular à alienação imposta pela miséria social, com consequente concentração de conhecimentos pela classe dirigente.

As discussões sobre a criação de um Centro de Cultura Social no Rio de Janeiro continuam em pauta, apesar de prejudicadas pela falta de uma infraestrutura que permita a concretização dos nossos projetos. Todavia continuamos certos de que a conquista do saber é parte inseparável da luta de classes, e que os movimentos populares não devem se ausentar deste compromisso.

EDUCAÇÃO E LIBERDADE

Lançada uma coleção sobre Pedagogia Libertária com trabalhos de Ivan Ilitch, Andrea Papi, Mario Lodi, Carlo Oliva, Marcelo Bernardi e outros. Temas como Educação Permanente, Libertarismo evanescente, libertação da criatividade, etc. O livro é uma compilação de textos publicados pela revista anarquista Voluntad. Lançamento da Editora Imaginário - R. General Jardim, 288 Cj. II CEP 01223 - São Paulo, SP.

AXÉ ÁFRICA

A Associação Socialista Libertária AXÉ, da Nigéria, pede apoio para a libertação de onze trabalhadores, que em 1988 entraram em greve por melhores condições de trabalho. Por tal desrespeito contra a National Eletric Power foram condenados a prisão perpétua, pena comutada para 10 anos de prisão. Enviar protestos para: AXÉ - GPO - BOX 12859 - Dude Ibaden - Nigéria.

"VIVA A PERESTRÓICA"

Há pouco mais de um ano, 5 de maio de 1990, Piotr Siuda, militante anarco-sindicalista russo, foi brutalmente assassinado próximo de sua residência, em Moscou. Por "coincidência" seu corpo foi encontrado no mesmo local em que fora agredido em 1980, por ter protestado contra a invasão do Afeganistão. Ultimamente recolhia documentos que comprovavam a participação da KGB e de grupos estalinistas na repressão e desaparecimento de operários de Novocherkask, em 1962. Em seu funeral muitos protestaram, inclusive em frente das oficinas de Novocherkask. Infelizmente lá como cá nenhum esclarecimento sobre a morte há.

PELA REFORMA AGRÁRIA

O Movimento Popular de Duque de Caxias e São João de Meriti, e a Diocese de Duque de Caxias, estão promovendo uma manifestação de trabalhadores rurais e da população em geral pela Reforma Agrária, para o dia 18 de agosto próximo, no município de Valença (RJ). Os ativistas libertários e demais leitores interessados podem escrever para nós para que discutamos em conjunto uma forma de participarmos deste importante evento popular. Detalhes mais completos deverão ser publicados no próximo número do MUTIRÃO.

SEM TETO REPRIMIDOS EM SÃO PAULO

Cerca de seis mil membros do Movimento dos Sem Teto em São Paulo, foram reprimidos pela Polícia Militar, durante uma manifestação pública na Praça Prof. Américo de Moura, em Cidade Jardim, na Zona Sul da capital paulista, ocorrida no dia 15 de maio. Quinhentos homens da tropa de choque da PM, portanto armas de grosso calibre, 40 cães adestrados, quatro caminhões equipados com lança-bombas, gás lacrimogênio e jatos d'água, e dois helicópteros sobrevoando a área durante toda a manifestação: esta foi a recepção montada pelo tão "progressista" governador Fleury, apoiado pela esquerda eleitoreira paulista. Tudo isso apenas para impedir que os manifestantes seguissem pelas vias públicas até as proximidades do Palácio governamental.

Só no estado de São Paulo existem mais de 2 milhões de sem tetos, e caso o movimento pretenda de fato conquistar o direito de habitação para todos, vai ter mesmo que continuar fazendo ocupações, agindo diretamente, pois dos governantes só virá mais repressão policial.

IMPRENSA LIBERTÁRIA

Combate Sindical (zine), da Liga dos Trabalhadores em Ofícios vários de São Paulo, Caixa Postal 10512 CEP 03097, São Paulo, SP.

Boletim do Centro de Cultura Social, Caixa Postal 10512 - CEP 03097, São Paulo, SP.

Cara-Dura (zine), Caixa Postal 56110 CEP 03999, São Paulo, SP.

Jornal O Anarco-Sindicalista, da Confederação Operária Brasileira: Caixa Postal 02-0266 CEP: 70001 - Brasília, DF.

Revista UTOPIA, Caixa Postal 15001 CEP 20155, Rio de Janeiro, RJ.

O MOVIMENTO ANARQUISTA E A GREVE GERAL

Se você esteve em greve nos dias 22 e 23 de maio, queremos prestar-lhe nossa solidariedade. A decisão de cruzar os braços é um ato positivo, pois somente pela auto-organização e discussão livre nos locais de trabalho e o embate de forças com os governantes e patrões é que a população conquistará seus interesses.

Entretanto, a Greve Geral decretada não passou por discussões internas nos locais de trabalho. Ela traz a marca do paternalismo, do autoritarismo e do peleguismo, por ser fruto de conchavos entre líderes sindicais e políticos apadrinhados pela CUT E CGTs. De fato esta greve só foi marcada numa tentativa de se resgatar politicamente as lideranças sindicais e os partidos políticos, que desejam retomar as negociações com o Governo, reforçados com essa demonstração de força. É o falido e traiçoeiro caminho da social democracia.

Como a CUT, que a poucos meses orientava os trabalhadores para participarem do pacto com o Governo Collor, muda agora sua posição e arrasta a população para a mais revolucionária e radical arma dos trabalhadores, a greve geral? Que discussão houve nas fábricas, escritórios, escolas, hospitais, transportes, no campo? Que representante sindical te consultou, antes de dicidir por você sobre a realização ou não desta greve? O máximo que se viu foram palavras empolgadas dos oradores de palanque para a população.

Já é hora de reconstruirmos um sindicalismo autêntico, cujas decisões partam das assembléias gerais e não da cabeça de meia dúzia de pelegos. É hora de nos organizarmos em sindicatos livres, não atrelados ao interesse ou ao comando de nenhum dos falidos e parasitas partidos políticos, só preocupados com o poder sobre nossas vidas. É hora da população dar um basta neste sistema, pôr abaixo todos os governantes, todos os patrões, e tornar do povo o que hoje é estatal ou particular. Tomemos as cidades em nossas próprias mãos! Tomemos as terras em nossas próprias mãos! A conclusão final das nossas lutas não será pararmos de trabalhar, mas passarmos a trabalhar para nós mesmos.

1º DE MAIO: DIA DE LUTA E LUTO, NÃO DE FESTA

A Praça da Sé foi tomada por faixas e bandeiras anarquistas

Mais uma vez militantes do Movimento Anarquista e Punk do Rio de Janeiro, reuniram-se em torno de uma data de grande significado para todos os que ainda acreditam na tão citada e pouco construída utopia socialista. Para os anarquistas, o 1º de Maio tem uma conotação muito especial. Há mais de um século que respeitamos o luto por aqueles que, por convicção e amor aos ideais anárquicos, foram condenados à morte pela "maravilhosa justiça americana". Não falamos tão somente daqueles que foram executados por decisão de um tribunal faccioso mas, principalmente, sobre as pessoas comuns que, mesmo não tendo envolvimento revolucionário foram e, infelizmente, continuam sendo massacradas.

Como de hábito na chamada "Festa do Trabalhador", de herança fascista, a Quinta da Boa Vista recebeu o tradicional público paupérrimo e carente de lazer. Os portões do Zoo, por exemplo, são abertos gratuitamente nesta data, para aqueles que sequer passam por lá normalmente. Talvez se estivéssemos numa social-democracia sobraria algum trocado para além de visitar o Zoo, comprar pipocas para dar aos macacos.

Nos anos de 89 e 90, a esquerda oficial (oposição consentida como deve ser numa moderna democracia), festejou a data em Volta Redonda, palco dos massacres na CSN. Neste ano de 91 voltou à Quinta, com avais do "papai" Brizola e "titio" Marcelo, para mais um ato-show. Com tudo armado: palco bem equipado próximo ao lago, bandeiras tremulantes e rubras de tão socialistas que são, faixas de partidos, facções, grupos e grupelhos, centrais sindicais divididas e farta distribuição de panfletos e jornais revolucionários e corajosos. Realmente a mensagem foi clara: a hora está próxima. Basta que os verdadeiros representantes do povo tomem o poder com responsabilidade, pois eles sabem o que é melhor para todos. Só um detalhe embaçou a festa: o povão está cansado de palavrório estéril e não estava nem aí para a armação grandiloquente, somente se manifestando quando artistas populares subiam ao palco.

Quanto a nós, anarquistas, nosso intuito consistiu em manter vivos nossos ideais e tentar, pelo menos, fazer com que outras pessoas nos vejam como seres comuns. Não somos melhores que ninguém, não temos explicações científicas para solucionar problemas e jamais seremos vanguarda que norteará os trabalhadores. Calmamente nos mantivemos afastados e evitamos confronto com outros grupos. Nosso trabalho foi executado por algumas dezenas de militantes que mantiveram-se com dignidade e orgulho, não aceitando provocações gratuitas. Distribuimos nossos panfletos e cartazes artezanalmente confeccionados, sem impor nada a ninguém. Montamos uma barraca para a venda de publicações e camisetas, com procura bastante razoável. Nisso tudo, o aspecto mais importante foi que não passamos despercebidos e recebemos várias manifestações de simpatia e carinho. Lógico que nem todos entenderam ou aceitaram as nossas posições, mas acreditamos que pacientemente a ANARQUIA não será mais tomada como sinônimo de bagunça e caos. Sabemos que nossa modesta manifestação não enche barriga de ninguém, não arruma emprego nem corrige as injustiças crônicas do mundo, mas deixa bem claro que, por princípios éticos e morais não nos submeteremos a nenhum tirano de plantão. ANARQUIA NÃO É BAGUNÇA E ANARQUISTA NÃO É BABACA.

1º DE MAIO EM SÃO PAULO

As manifestações do 1º de maio em São Paulo foram marcadas pelo "show-mício" promovido pela CUT e CGTs para "festejar" a data na Praça da Sé. Logo pela manhã, porém, a praça já estava tomada por bandeiras e faixas do Movimento Anarquista; da COB/AIT e do Mov. Anarco-Punk. Os manifestantes Cutistas se mostraram insatisfeitos com a presença dos anarquistas enquanto os populares, desviando sua atenção dos showzinhos e discursos do palanque, se informavam sobre a história do 1º de maio e a ideologia anarquista bem como olhavam curiosos para os punks com suas roupas agressivas que eram fotografados pelos jornalistas.

Por volta das 14 hs. a praça já estava tomada pela população. Impacientes com os discursos hipócritas dos oportunistas profissionais que falavam ao palco, os punks e populares começaram a vaiar e chamar o presidente estadual da CUT de pelego, abafando o som do palanque. O tal político começou a caluniar os punks e houve confusão com briga e prisões. A praça se esvasiou com muita correria. A intenção dos punks não era de criar confusão nem pancadaria e sim manifestar-se contra aquela palhaçada oportunista.

INSURREIÇÃO ESTUDANTIL EM BELÉM

Um conflito entre policiais militares e estudantes da capital paraense, deixou 14 ônibus destruídos e 40 pessoas feridas na noite do dia 15 de maio. Munidos de coquetéis molotov, cerca de cinco mil secundaristas e universitários foram para as ruas exigir a concessão de meia passagem, prevista na Lei Orgânica do Município e já autorizada pela Prefeitura. A Polícia Militar respondeu com bombas de gás lacrimogênio e muita pancadaria. O centro da cidade virou praça de guerra.

O conflito durou mais de três horas. Só por volta das 22:30 hs a situação se acalmou, mas os ônibus não voltaram a circular. Foi a segunda manifestação em menos de dez dias. No dia 7, dezessete estudantes foram presos, depois que centenas deles invadiram o gabinete do prefeito e saíram em passeata pelas principais ruas da cidade, concentrando-se na Praça do Operário. Neste local aconteceu o confronto mais violento, durante a segunda manifestação. A praça cercada por policiais foi tomada pelos estudantes, que enfrentam as tropas de choque com pauladas e pedradas. Como as bombas de efeito moral não intimidaram a multidão, os policiais partiram para o combate corpo-a-corpo. Neste momento um pelotão da PM invadiu o terminal rodoviário distribuindo pancadas a quem passasse pela frente. Várias vidraças foram quebradas, grades destruídas e uma correria geral. Um fotógrafo que filmou uma mulher sendo espancada por dez policiais no terminal foi também brutalmente agredido e sua máquina destruída.

Enquanto em Belém cinco mil estudantes se reúnem publicamente com disposição inclusive para enfrentar a repressão policial, para conquistar a meia-passagem, aqui no Rio, estado que se condidera "o foco de resistência política do país", nem a eminente ameaça de fechamento ou privatização das Universidades, com projetos absurdos e declarações explícitas de Ministros, abalam a rotina rastejante das nossas instituições de ensino superior ou geram manifestações de rua medianamente expressivas.

GREVE DE PROFESSORES

Uma aula sobre a situação dos professores das escolas particulares do município do Rio de Janeiro.

Os professores das escolas particulares estão enfrentando uma situação muito difícil. Estão lutando para que seus salários sejam aumentados, pois um professor que leciona da pré-escola até a 4ª série ganha 31.000,00 e um professor que leciona da 5ª série até a 3ª série do 2º grau ganha 500,24 por hora.

A categoria luta por perdas salariais que somam 103% e mais um ganho real para os salários de 50%. O sindicato dos professores realizou 17 reuniões com o sindicato patronal e não conseguiu nenhuma proposta satisfatória. A categoria, então, decidiu em assembléia por uma paralização de 24 hs. para forçar uma negociação e nada de concreto foi oferecido pelos patrões. A saída para uma situação como essa foi, então, usar uma antiga forma de luta: a greve.

No dia 25 de abril começou a greve e os patrões colocam a categoria de castigo dizendo que só voltariam a negociar se os professores voltaram a reafirmar a luta pelas perdas salariais e por um ganho real e os donos das escolas continuaram dizendo que só negociaram com os professores em sala de aula, caso contrário ficariam esperando o julgamento da greve no tribunal.

No dia 16 de Maio o Tribunal Regional do Trabalho decretou a nossa greve abusiva, dando 0% (zero) de aumento, como já era esperado. No tribunal os patrões podem exercer grande influência já que este é controlado pelo Estado que defende os seus interesses, garantindo aos donos de escolas um aumento nas mensalidades para o pagamento desse reajuste dado aos professores, pois alegam que sem aumento das mensalidades não podem aumentar os salários. É importante ressaltar que desde janeiro os donos das escolas vem reajustando suas mensalidades alegando que tais reajustes são para pagamento dos professores e funcionários.

Na mesma noite da decisão do tribunal, os professores votaram em assembléia a volta às aulas num final melancólico.

GOVERNO INVADE COMUNIDADE CARENTE

Centenas de famílias que estão morando desde fevereiro numa área monopolizada pelo Governo Federal, estão sendo tratadas como criminosas e mal feitoras, sofrendo o ataque de tropas militare para expulsá-las de seus lares e destruírem suas humildes habitações.

No dia 10 de maio tropas da PM e agentes federais despejaram as famílias dos 8.000 m^2 de terras habitadas, reivindicadas pelos governantes de Brasília. A área ficou abandonada por mais de trinta anos, numa localidade de Jacarepaguá, transformando-se num grande matagal que servia de desova de defuntos assassinados, foco de insetos transmissores de doenças, além de propiciar estúpros e assaltos, como nos testemunhou uma antiga moradora do bairro que já foi assaltada quando voltava da feira, e hoje é uma das habitantes da área, agora desmatada, loteada e com segurança. Com o despejo, os moradores intimidados pelo violento aparato militar que cercou o terreno e interrompeu sua estrada de acesso, foram obrigados a sair carregando nas mãos seus modestos pertences. À noite, após a ida dos soldados embora, os moradores voltaram para seus lotes, já que não tinham absolutamente nenhuma outra opção.

No dia 14 os ladrões fardados voltaram para um novo assalto coletivo contra a desarmada população. Expulsaram vários moradores, inclusive velhos e crianças, puzeram abaixo suas ilegais habitações. Quando quinze barracos já haviam sido desmontados, apareceram dois defensores públicos que conseguiram interromper a covardia realizada, apelando para irregularidades burocráticas capazes apenas de retardar por algum tempo a ação militar contra a comunidade. Como começou a anoitecer, a operação foi suspensa, com promessa de reinício no próximo dia. Até o fechamento desta edição, nada parecia apontar para uma vitória comunitária contra o ataque militar imposto pelo Estado.

Relatos emocionados de pessoas que estão sofrendo a violência do despejo pela força policial não nos faltaria para publicar. Nós mesmos do jornal estivemos na comunidade e conversamos com inúmeras famílias. A revolta que nos toma ao testemunharmos este absurdo legalizado exige nosso engajamento no confronto popular pelo direito à moradia. Oportunistas políticos aparecem domesticando e amortecendo o ímpeto de resistência popular: "fiquem tranquilos, nossa deputada federal está em Brasília olhando por nós, confiem nela e nada vos faltará...", era o que diziam à comunidade na ante-véspera da invasão militar, que pôde expulsar tranquilamente os moradores desorganizados, despreparados para aquela situação, impotentes. Neste dia, lá estava a deputada se fazendo ver publicamente em lágrimas e soluços entre os discursos ensaiados e os barracos no chão.

O direito de morar precisa ser conquistado pela própria população. Violências como estas, onde governantes residentes de luxuosíssimas mansões pagas pelo povo ordenam que se ponha abaixo toda uma comunidade de centenas de famílias já brutalmente castigadas pelo capitalismo, continuarão a acontecer enquanto continuarmos entregando a responsabilidade da defesa dos nossos interesses aos burocratas do Estado ou dos partidos políticos. A população precisa acreditar em si mesma, na sua força, precisa aprender a agir comunitariamente (e só se aprende agindo), para impor sua vontade, seus justos interesses sociais. Não se trata de substituirmos os governantes A pelos governantes B, nem se trata de trocarmos de patrão A pelo patrão B, a solução para as injustiças sociais está em não dependermos de nenhum governante, de nenhum patrão. Contra a violência do Estado repressor, devemos resistir e enfrentar coletivamente, solidários, atravéz de comunidades livres e federadas, até o dia em que nos livrarmos definitivamente de todos os governos e de todos os patrões, com a conquista da sociedade socialista libertária.

A violência da polícia força a retirada, mas os moradores voltam

Se você também está cansado de ficar sempre esperando pela próxima eleição, e já percebeu que se a população não procurar agir por conta própria nunca vai conquistar seus interesses, organize-se em sua comunidade, no seu local de trabalho, com seus amigos, e participe da luta popular. O direito à terra, por exemplo, tanto na cidade como no campo, já vem sendo perseguido e conquistado por muitas pessoas que fazem o movimento popular. O primeiro passo para se realizar uma ocupação é contactar as diversas organizações populares ligadas a essa luta. Este jornal mesmo está a disposição de todos aqueles que desejarem apoio ao desejo de conquistarem suas próprias terras.

OCUPANDO O AR

Como pode alguém ser dono do ar? Isto, à primeira vista, parece realmente um absurdo, e é. As ondas de rádio, como o som, se propagam no ar. Para alguém utilizar uma faixa de frequência de rádio precisa pedir e conseguir uma concessão do Estado para poder transmitir livremente. Acontece que rádios de pequeno alcance, como as FMs, que **deveriam** ser rádios de caráter comunitário, são relativamente simples e baratas de se adquirir e manter. Teòricamente toda comunidade poderia possuir a sua estação de rádio FM.

Acompanhando a experiência mundial, muitos brasileiros têm se dedicado ao rádio amantismo colocando em uma frequência desocupada o seu sinal. Algumas rádios livres surgem pelas ondas do ar com sua programação alternativa à das grandes emissoras. Existem rádios livres de todos os tipos; Desde as que se dedicam a tocar música alternativa aos grandes monopólios de gravadoras, aquelas que se dedicam tanto à música quanto a cobrir eventos e dar à palavra à comunidade, às rádios religiosas.

De 29 a 31 de março deste ano realizou-se em Macaé o terceiro Encontro Nacional de Rádios Livres. Patrocinado pela prefeitura da cidade o encontro, que apesar de contar com a presença de radioamantes com já vasta experiência de emissão bem como de comunicólogos com um bom trabalho neste campo. Havia também empresários locais tentando vender o seu peixe.

Além da troca de informações técnicas e experiências cotidianas o encontro girou em torno de discussões sobre a luta **pela democratização dos meios de comunicação** que é a tônica principal do movimento de Rádios Livres.

A prática do rádio amantismo aqui no Brasil não tem enfrentado muitos problemas com os órgãos repressores da áres já que estes têm pouco equipamento necessário para a localização dos transmissores. Mesmo assim, devido à cagoetagem de vizinhos ou outros filhos da puta, agentes federais têm seguido radioamantes e lacrado transmissores chegando a fazer algumas prisões. Como no dia 9 de Abril último, quando a polícia federal **invadiu** e lacrou os transmissores da Rádio e Casa de Cultura Reversão, uma rádio que já vai ao ar diariamente a quase dois anos fazendo um trabalho comunitário maravilhoso na área de São Paulo, aonde atua. Um dos companheiros foi preso em flagrante. Esperamos que a Reversão possa voltar ao ar o mais breve e da melhor maneira que for possível.

Embora necessite de alguns cuidados em sua instalação, colocar uma rádio livre no ar é simples e relativamente barato para uma comunidade. O AR NÃO TEM DONO. OCUPEM AS FREQUÊNCIAS DO AR.

"A opressão milenar das massas por um pequeno número de privilegiados sempre foi a consequência da incapacidade da maioria dos indivíduos em se entender, em se organizar sobre a base da comunidade de interesses e de sentimentos com outros trabalhadores para produzir, para usufruir e para, eventualmente, defender-se dos exploradores e opressores. O Anarquismo vem remediar este estado de coisas com seu princípio fundamental de livre organização, criada e mantida pela livre vontade dos associados sem nenhuma espécie de autoridade, isto é, sem que nenhum indivíduo tenha o direito de impor aos outros sua própria vontade. É natural, portanto, que os anarquistas procurem aplicar à sua vida privada e à vida de seu Movimento, este mesmo princípio sobre o qual, segundo eles, deveria estar fundamentada toda a sociedade humana."

Errico Malatesta

EXPEDIENTE:
Redação, editoração, diagramação, arte final: Grupo O MUTIRÃO
Composição: TRANZ NEWS DIV.E PROM.LTDA
Fotolito e Impressão: TRIBUNA DA IMPRENSA
Correspondências: Caixa Postal 126049 CEP 24240 Niterói - RJ